

O BRASIL E A EUROPA

Deposito
Collegio Prudente de
Commissão de ITU

O SR. GENERAL CAMPOS SALLES

POR

Malvino Reis

8-2

19

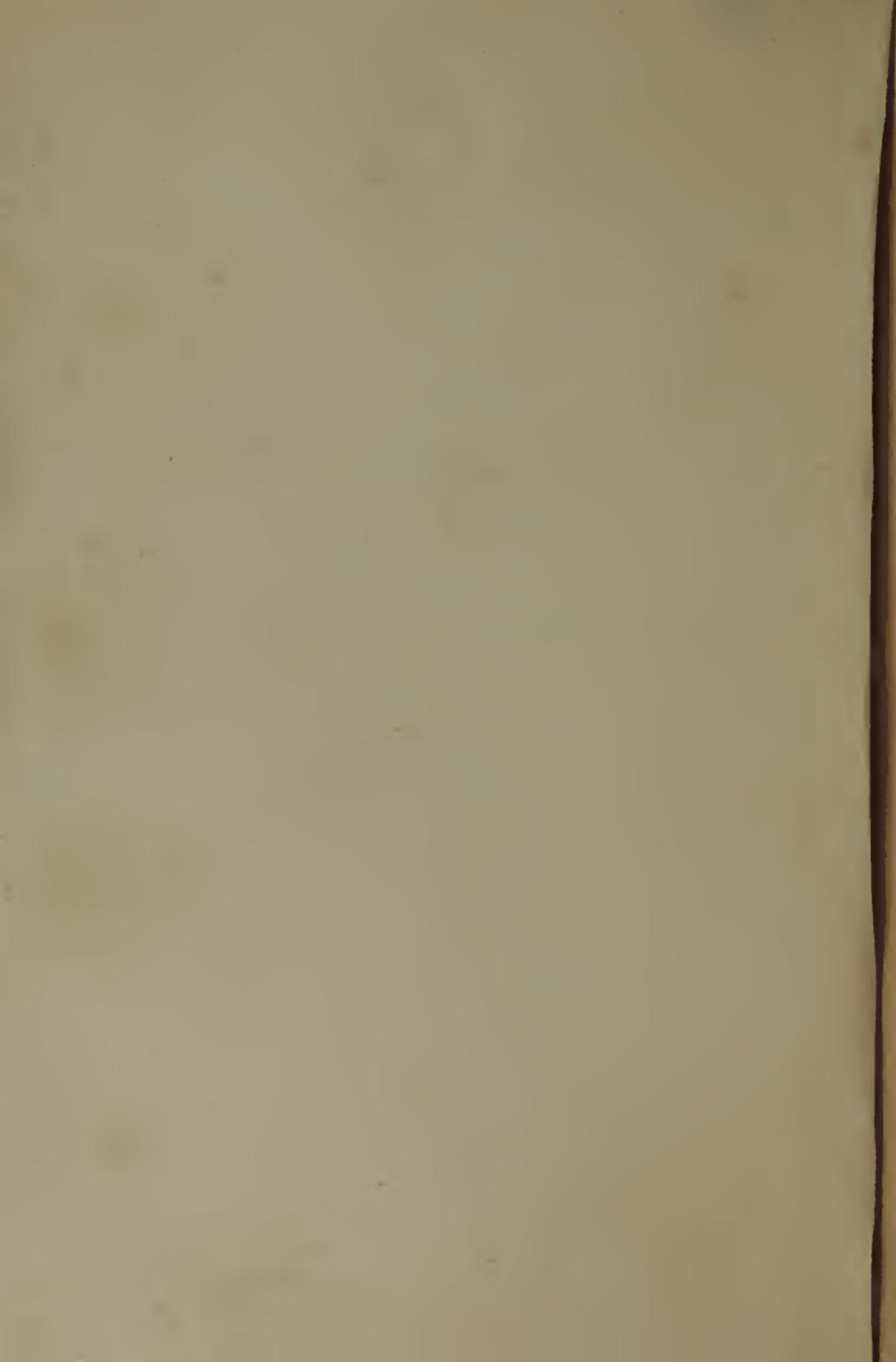
RIO DE JANEIRO

Officina de obras do JORNAL DO BRASIL

1898

Cy R 1631

432



O BRASIL E A EUROPA

Est. 8

Prat. 2

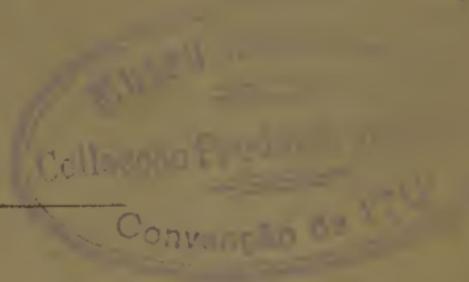
O SR. GENERAL CAMPOS SALLES

J. 28

POR

L. 19

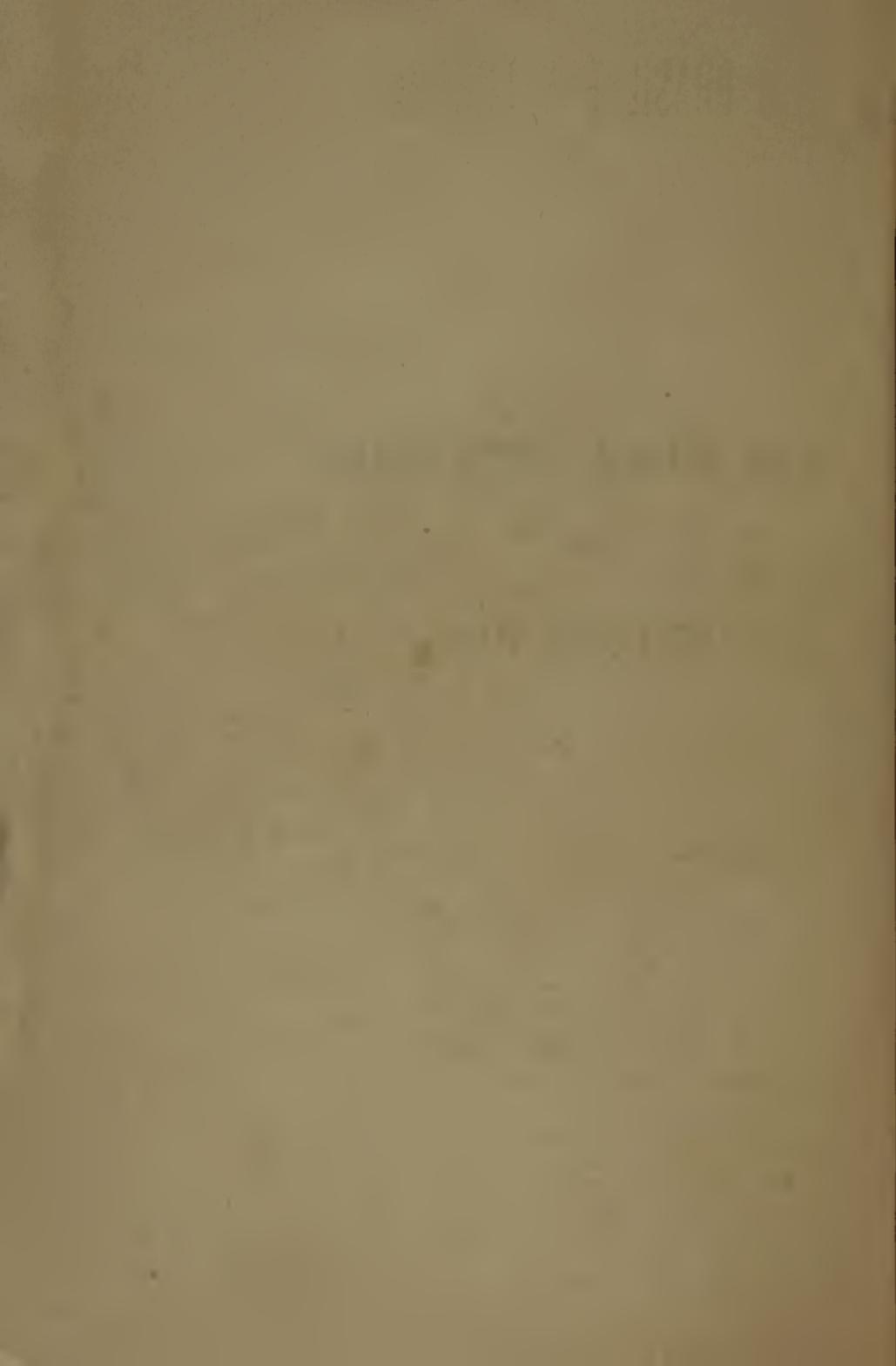
Malvino Reis



RIO DE JANEIRO

Officina de obras do JORNAL DO BRASIL

1898





Marbino Ruiz

O SR. GENERAL CAMPOS SALLES

I

Os factos da vida publica de qualquer paiz, no regimen de publicidade da imprensa, não escapam involtos no mysterio. A opinião arroga-se o direito de examinal-os, critical-os e de restabelecer nelles a verdade obscurecida, ou a justiça violada.

Obriga-nos a reivindicar a verdade e a justiça, propositalmente conculcadas, o desembaraço com que a imprensa officiosa annunciou que o illustre sr. general Manuel Ferraz de Campos Salles affirmára que só agora o Brasil ficou conhecido na Europa, depois de sua viagem, que por isso foi aproveitavel e que até então era considerado paiz selvagem; no presidente eleito a Europa vio um homem civilisado.

Todos leram estes conceitos; muitos julgaram impossivel que tivessem sido proferidos por um espirito circumspecto; alguns acreditam ser um mero gracejo em momen-

tos de intimas expansões, ou fantasia de novelheiros.

Mas, como o sr. dr. Candido Barata Ribeiro, no almoço que, a 29 do proximo passado, offereceu ao illustre general, repetisse as mesmas idéas, accrescentando— que o Brasil só era conhecido através dos conhecimentos do velho imperador — é justo que taes apreciações inexactas não corram sem um protesto sequer.

Urge fazel-o, não só para verdade da historia, mas ainda por h nra do nome brasileiro, que não deve—amesquinhado—submitter-se a tão repulsiva humilhação.

Muitos annos antes da independencia o Brasil teve filhos que honraram na Europa o nome da Patria.

As antigas Camaras Municipaes da colonia, com prévia licença da Côrte de Lisboa, escolheram ás vezes jovens intelligentes, que á custa dellas, iam cursar a Universidade de Coimbra e outras do velho continente.

Entre os documentos comprobatorios desta usança existe o aviso de 27 de outubro de 1708, permittindo que a Camara de S. Luiz do Maranhão mandasse estudar na metropole alguns rapazes para engenheiros topographos e hydraulicos.

Ha avisos identicos, concernentes ao estudo de medicina e cirurgia.

Esses brasileiros se distinguiram, ficando

não raros no reino, onde chegaram a occupar altas posições. Alexandre de Gusmão conseguiu ser escrivão da puridade, isto é, ministro de d. João V. Seu irmão Bartholomeu de Gusmão foi o inventor do aerostato, de que fez experiencia em Lisboa, muito antes que em França Mongflier pretendesse ter a prioridade dessa invenção.

Occuparam, com brilhantismo, as dioceses de Coimbra e de Elvas os bispos d. Francisco de Lemos e d. José Joaquim de Azevedo Coutinho. Exerceu o cargo de procurador da corôa e foi ministro de estado João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, José Basilio da Gama, o eximio poeta, autor do poema *Uruguay*, foi official de gabinete do marquez de Pombal. Foram ainda: José Bonifacio, magistrado; José Vieira do Couto e Francisco Villela Barbosa professores.

Da casa da Supplicação de Lisboa e do Tribunal da Relação do Porto fizeram parte varios naturaes do Brasil, notaveis pela intelligencia, illustração e honradez.

Outros brasileiros ascenderam ás mais elevadas patentes do exercito.

José Bonifacio obteve fama européa pelos seus trabalhos scientificos; ha um mineral com seu nome lá na Europa.

Depois da emancipação politica, innumerous compatriotas nossos chamaram sobre

si vantajosamente a attenção do mundo culto.

O celebre Orphila, deão da Faculdade de Medicina de Paris, em suas obras cita com applauso um sergipano, o dr. Barros, que gozou de merecida nomeada entre os sabios francezes de seu tempo.

Não fallemos do sr. d. Pedro II, membro do Instituto de França, a quem todas as summidades contemporaneas tributaram calorosas homenagens.

A diplomacia brasileira, no longo periodo do imperio, gozava de reputação da mais habil e competente. Avultava o barão de Penedo, que em Londres tinha uma posição excecional. O notavel diplomata sempre alcançou as maiores distincções. Chegou a ser nomeado — *doctor honoris causa* — da Universidade de Oxford.

Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaya, mereceu particular estima do Papa Pio IX.

Souza Corrêa é amigo intimo do principe de Galles.

Grande copia de moços brasileiros têm-se formado em Paris, Londres, Berlim, Roma e Bruxellas, obtendo altas provas de consideração.

No ultimo Concilio Ecumenico, reunido no Vaticano, o arcebispo d. Antonio de Macedo Costa primou entre os mais sabios

e eloquentes prelados da Egreja Catholica.

Em outra esphera da vida civilisada, o conde de Figueiredo mantêm estreitas relações com os principaes banqueiros de França e de Inglaterra.

Antes d'elle, já o visconde de Mauá havia mostrado que o brasileiro tinha incontáveis aptidões para os empreendimentos da industria e do commercio, o que era reconhecido no estrangeiro.

Officiaes da nossa marinha de guerra, como Saldanha da Gama, Jaceguay, Custodio de Mello e outros, percorreram o mundo, bem recebidos em toda parte. Outros serviram com relevo em marinhas estrangeiras, mediante licença de nosso governo.

O conde de Nioac, por exemplo, conquistou a Legião de Honra, combatendo na guerra da Criméa, e Carneiro Leão distinguio-se na marinha britannica; se ainda quizermos apontar outros brasileiros que fizeram conhecido o seu paiz, lembraremos os nomes do visconde de Seabra, que era brasileiro, e do conde da Ponte da Barca, que em Portugal chegou com muita gloria ao posto de general.

Outro mineiro, o marquez de Barbacena, mereceu a consideração de Guilherme IV e da côrte da Inglaterra, da Austria, da Allemanha, onde desempenhou importan-

tissimas commissões diplomaticas, quaes o reconhecimento da independencia do Brasil, discutindo estes e outros assumptos com George Canning, o eminente orador parlamentar e o mais notavel homem de Estado naquella época.

Não ha quem não saiba do papel que o marquez de Abrantes representou em varios paizes do velho continente, honrando a patria pelos seus brilhantes talentos e pela sua supremacia nas questões diplomaticas.

No seguinte artigo fallaremos de outros brasileiros que tambem fizeram o Brasil conhecido na Europa.

II

Agora notemos rapidamente ainda outros brasileiros, que avultaram pela sua illustração e que sem duvida alguma poderiam na Europa honrar o nosso paiz, e não só sob o ponto de vista da civilisação, como da cultura intellectual, e que, antes da viagem aproveitavel do illustre sr. general Campos Salles, fizeram o Brasil conhecido.

Outr'ora, homens de Estado de elevada estatura intellectual e de consummada sabedoria politica, quaes os viscondes de Jequitinhonha, de Inhomerim, de Itaboraahy e de Uruguay (tendo este ultimo discutido com a chancellaria franceza a celebre questão do Amapá), percorreram algumas capitães européas. Nesse mesmo tempo Angelo Ferraz, barão de Uruguayana, era alli considerado uma das poderosas mentalidades do seu paiz. Diversos estadistas brasileiros começaram a viajar á Europa e se relacionaram com as eminências politicas, litterarias, financeiras, como fizeram os srs. Saraiva, João Alfredo, Dantas e Pereira da Silva, que collaborou na—
Revista dos Dois Mundos.

O visconde do Rio Branco foi recebido na Europa refulgente da gloria que laureou nos Estados-Unidos o presidente Lincoln, o libertador dos escravos.

Depois da proclamação da Republica, viajaram pela Europa outros estadistas, oradores e politicos notaveis, como os srs, visconde de Ouro-Preto, Andrade Figueira, Ferreira Vianna, Lafayette e o proprio sr. Ruy Barbosa, que acabava de ser membro do Governo Provisorio e que, além do mais, por esse titulo não podia passar incognito.

Sabe-se que o sr. Gaspar da Silveira Martins, pela sua vigorosa intelligencia e variada instrucção, attrahia por toda a parte as attentões das pessoas que o escutavam. O grande escriptor da Academia Franceza Ernesto Renan, apresentando e recomendendo o sr. Silveira Martins a um sabio de Inglaterra, exprimio-se desta fórma:—Eis um brilhante espirito que faria honra a qualquer dos paizes cultos da Europa, quanto mais da America.

Se voltarmos para outra ordem de factos, observaremos que, nas exposições universaes, sempre os commissarios do Brasil impuzeram-se dignamente ao apreço e applauso dos outros povos.

A mesma consideração mereceram os representantes do Brasil nos congressos scientificos e litterarios; por exemplo, Pedro Americo recebeu a singular distincção de

ter o seu retrato entre os dos grandes artistas no Museu de Pintura do Palacio Pitti, em Florença, nessa parte da Italia que recorda e guarda as grandiosas reminiscencias da arte de Miguel Angelo e da poesia portentosa de Alighieri. Por sua vez, Carlos Gomes foi acclamado nos principaes theatros da Italia, de Londres e de Paris, etc.

Bastariam estes factos indicados para verificar que as gazetas officiosas, as quaes affirmam ter o illustre sr. general Campos Salles dito que a sua viagem foi oproveitavel, porque fez a Europa ver que ha no Brasil homem civilisado—emprestaram ao distincto futuro presidente da Republica uma dessas facecias que fazem rir ou que causam surpresas.

O illustre general não podia dizel-o, porque elle conhece perfeitamente que, apesar de ter estado em contacto com as sumidades europeas, estas já conheciam outros brasileiros, que por seus altos meritos honraram o nome do Brasil antes de ser conhecida a nobre individualidade do presidente eleito.

Lançando uma vista retrospectiva, os homens competentes da Europa já tinham ajuizado bem do paiz, que teve homens provecos que fizeram a Constituição, pela qual regeu-se a Monarchia parlamentar, com todas as disposições apropriadas a rea-

lizar-se o bem publico e favoraveis ao desenvolvimento progressivo das idéas e aspirações da democracia moderna, que ama e quer os beneficos influxos da liberdade, sem as lutas corruptoras da anarchia e o terror e infamias do despotismo das dictaduras irresponsaveis, sangrentas e inconscientes.

Desde o primeiro reinado, em que o imperador o sr. D. Pedro I esforçou-se em fundar o imperio constitucional, em consolidar a unidade nacional, em estabelecer os direitos, que constituem a honra e a supremacia das nações livres, que a Europa começou a julgar e avaliar da aptidão dos brasileiros para a obra ardua da civilisação. Sob esse aspecto o primeiro Imperador concorreu bastante para honrar o nome do paiz.

A historia, em sua marcha evolutiva, demonstra que a obra esboçada e tentada pelo fundador do imperio foi larga e victoriosamente completada no segundo reinado, em que o sr. D. Pedro II imprimio no regimen de governo livre o espirito e a pratica dos mais esclarecidos e adiantados parlamentos dos povos civilisados.

Sua consummada prudencia e rectidão, sua experiencia dos homense dos movimentos sociaes, a elevação do seu character, a grandeza de sua alma, a sagacidade do seu

espírito não podem ser eliminadas da memoria dos contemporaneos.

Em verdade o seu desinteresse e suprema abnegação foram duas virtudes perennes, que brilham em sua vida de patriota e de soberano.

Elle as observou rigorosamente, a tal ponto que desceu do throno levando para o exilio as grandezas do heroismo de sua pobreza.

Em occasião dolorosa achou em um Portuguez—o sr. conde de Alves Machado,—outr'ora residente e negociante no Rio de Janeiro, generosos auxilios de sincero amigo.

A morte do sr. D. Pedro II deu motivo a honrosas manifestações de pezar, por assim dizer de todo o mundo civilisado como está consignado no volumoso livro que o Instituto Historico Brasileiro publicou em honra de sua memoria.

Era, pois, um brasileiro, que sem duvida personificou as mais salientes e nobres qualidades nacionaes; a Nação honrava-se nelle e o mundo civilisado por elle conhecia o gráo da civilisação do povo, que elle representava.

Por mais proeminente que elle fosse, de certo não podia ser senão a synthese, a resultante do meio social, de onde sahira, por consequinte, do estado da civilisação do Brasil.

Uma vez que o objectivo deste escripto é mostrar que, antes da viagem do illustre general o sr. dr. Campos Salles, já se sabia na Europa que no Brasil, havia homens civilisados, é necessario não esquecer, que grande numero de officiaes do exercito brasileiro tem sido encarregados de commissões, que elles têm sabido desempenhar com proficiencia, correspondendo á honrosa confiança do governo nacional, quer no passado, quer nos tempos actuaes.

Assim de todas as classes da nossa sociedade, os homens que têm apparecido na Europa realmente se fizeram conhecidos como homens civilisados, de sorte que o bom juizo sobre o progresso dos nossos costumes, o desenvolvimento da nossa civilisação e da capacidade dos brasileiros não data da recente viagem do illustre sr. general Campos Salles, segundo inculcam as gazetas officiosas.

III

Não é demais lembrar que escolheram o imperador o sr. d. Pedro II como arbitro em diversas questões importantes tanto da Europa, quanto da America: foi representado pelos seus ministros, visconde de Itajubá, barão de Carvalho Borges, barão de Lopes Netto e conselheiro Lafayette.

Todas as decisões que proferiram estes illustres brasileiros foram aceitas e acatadas pelas partes litigantes. Entre aquellas questões sobresahe a de Genebra, entre a Inglaterra e a America do Norte, sendo o laudo do ministro Itajubá contra a Inglaterra.

Esse facto, que não péde ser supprimido pelo capricho, nem mesmo dos acontecimentos, e que subsiste máo grado as revoluções, que, se destroem as instituições, não ousam impor silencio á historia; esse facto demonstra que antes do illustre sr. general Campos Salles fazer sua rapida appareição nas côrtes européas, já havia alli brasileiros, que tomavam parte nos Congressos Diplomaticos e decidiam de arduas questões que só podem ser tratadas por homem ci-

vilisado — e ainda mais—competente pela illustração e cultura politica especialissima.

Em outra ordem de idéas, se pôde lembrar que em condições financeiras até 1889, o Brasil occupava o quinto logar entre as nações.

Occupavam: a Inglaterra o 1º; a França o 2º; America do Norte o 3º; Allemanha 4º; Brasil 5º, quer pelo seu commercio, quer pelo credito illimitado.

Na cotação de seus titulos da renda externa cabia-lhe o 3º logar; o 1º tocava á Inglaterra; o 2º á França. Os titulos brasileiros de 4 l[2] e 5 o[10] eram cotados (salvo pequenas variações) sempre 20 par, ou mesmo acima do par.

Qual é hoje, o seu logar de nação, sob o ponto de vista financeiro? o 16º. O 1º logar pertence á Inglaterra; o 2º á França; o 3º á America do Norte; o 4º á Allemanha; o 5º á Russia; o 6º á Italia; o 7º á Austria; o 8º ao Japão; o 9º á China; o 10º á Hollanda; o 11º á Belgica; o 12º a Portugal; o 13º ao Chile; o 14º á Republica Argentina; o 15º á Hespanha; o 16º ao Brasil; o 17º á Turquia; dahi em diante contam-se a Suissa, o Mexico, a Grecia, a Suecia e Noruega, e outros pequenos Estados da Europa e as républichetas da America Central.

E' singular o contraste do passado e do

presente, relativamente á importancia do Brasil entre as outras nações — não é um progresso, é um deploravel descalabro ! . . . Os seus titulos já têm sido cotados pela metade.

Effectivamente, quando o illustre sr. general Campos Salles fez-se notar, como homem civilisado, na admiração da culta Europa, a situação da prosperidade do Brasil não confirmava a excellencia da obra, que o distincto presidente eleito representava.

As reminiscencias do passado lhe eram contrarias, porque as nações do antigo continente tinham visto o Brasil prospero e feliz concorrer ás exposições internacionaes de Londres em 1862, de Paris em 1867, de Vienna d'Austria em 1873, da America do Norte em 1876, de Paris em 1879 e 1889, além da exposição continental de Buenos Aires em 1882. Em todas estas ostentosas reuniões da industria, da riqueza, do progresso e da civilisação os commissarios brasileiros elevaram bem alto o nome de sua patria, quer fazendo conferencias no idioma francez, quer publicando memorias em outras linguas, memorias que distribuiram gratis para vulgarisar e fazer conhecer os elementos da prosperidade nacional.

Além dessas exposições, a benemerita associação Lavoura e Commercio, desta praça, dirigida pelos srs. Ramalho Ortigão, Eduar-

do Lemos, dr. Honorio Ribeiro, Joppert, barão de Quartin, dr. Leopoldo Duque Estrada, Mello Franco, barão de Araujo Maia, J. Valverde, Miranda Jordão e outros negociantes de café, tomaram a si fazer a patricica propaganda de tornar bem conhecido o Brasil por um dos seus productos de maior valia por todas as praças, onde se poderia alargar a sua procura e consumo; e desta maneira realizaram-se as exposições regionaes na França, Allemanha, Austria, Russia, Grecia, Suecia e Noruega, etc.

Os ministros da agricultura de então, Buarque de Macedo, Pedro Luiz, Alves de Araujo, Carneiro da Rocha, Affonso Penna, Antonio Prado, Rodrigo Silva, muitos esforços empregaram para o bom exito desse tentamen, que deu proficuos resultados.

Se a Russia consome hoje café brasileiro deve-se a taes exposições e ao zelo do honrado commissario do Centro, o sr. barão de Araujo Maia.

O publico está vendo, por factos incontestaveis, que essas exposições tornaram o Brasil conhecido e desvaneceriam a idéa de ser povo *selvagem*.

O centro da Lavoura e Commercio tambem expôz o nosso assucar em diversos paizes e foram incumbidas desse trabalho as casas commerciaes desta praça Gracie

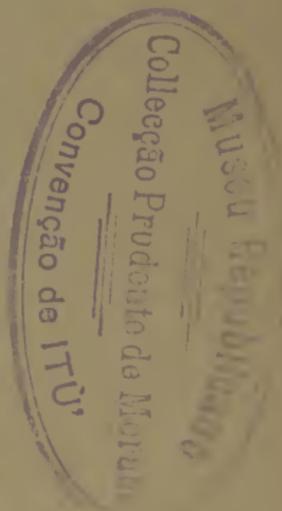
Ferreira & C., Reis, Brandão & C., e desta ultima fazia parte quem escreve estas linhas.

O desempenho dessa incumbencia foi completo.

Desde que se trata dos que têm feito o Brasil conhecido na Europa, dando a medida de sua civilisação e progresso, fôra injusto olvidar os brasileiros encarregados da propaganda da immigração, os quaes por toda a parte têm distribuido memorias e plantas topographicas do nosso territorio.

A immigração, que affluiu ao Estado de S. Paulo, onde reside o illustre sr. Campos Salles, foi devida a taes esforços e aos do nosso corpo consular.

Os povos, que vivem em contacto uns com os outros, certamente têm diversos meios de se conhecerem e de se apreciarem; assim, não era possivel que o corpo diplomatico e consular, estrangeiros aqui residentes, não informassem aos seus paes o estado da civilisação e dos elementos da prosperidade do Brasil; portanto, elles tambem nos auxiliaram, não só como amigos, mas tambem sob o ponto de vista dos interesses commerciaes e industriaes reciprocos, e quando retiravam-se da nossa terra iam na Europa acreditar a força pujante da nossa nacionalidade; com isto nos prestavam utilissimos servicos.



Eu mesmo, estando em Roma, lá encontrei um alto titular, que por longos annos foi ministro da Italia no Brasil, o qual veio ao meu encontro e disse-me: «Guardo gratas recordações do seu paiz; seus imperantas e o povo brasileiro são dignos de todo o apreço; em qualquer parte em que eu me ache serei sempre amigo do Brasil.»

Não pude deixar de responder: «Que me era muito agradável encontrar no estrangeiro um amigo do meu paiz; por seu turno afiançava eu que os brasileiros também eram amigos da Italia, bastando lembrar que a imperatriz do Brasil era italiana.»

Esse bom amigo do Brasil é o sr. conde de Fé Ostiani, a quem tive a honra de ver aqui ha cerca de quatro annos.

De certo, o illustre sr. general Campos Salles não foi o unico que foi attestar o estado de nossa civilização entre os povos europeos. Entre os brasileiros illustres que viajaram por lá —os srs. conselheiros Rosa e Silva e Ruy Barbosa: o primeiro desses cavalheiros é o vice-presidente eleito, que não quiz envolver-se na marcha dos negocios publiccs até 15 de novembro; o segundo é uma das mentalidades reputadas de primeira ordem em nossa terra, e foi talvez o mais notavel collega do sr. Campos Salles, no Governo Provisorio; não

consta que ss. exs. chegassem á Europa armados de arcos e flechas, tocando maracaz, como representantes de povo selvagem; pelo contrario, foram olhados como representantes deste povo, já conhecido.

O sr. Ruy, em Londres, escreveu artigos admirando as instituições da livre Inglaterra e a consciencia orgulhosa e legitima da liberdade ingleza.

Naturalmente s. ex. se recordaria do nosso antigo regimen, onde o poder era posto a concurso para as grandes sumidades intellectuaes e politicas. Nesse momento, s. ex., victimado pelas ameaças da tyrannia, procurou no abrigo da liberdade ver passar o terror, que dominava em nosso paiz, entregue ás aventuras da força brutal e inconsciente.

IV

Dissemos, em um dos artigos anteriores, que a estranha asseveração de ser o illustre e digno sr. general Campos Salles o unico homem civilisado, que a Europa vio, era uma dessas invenções das gazetas officiosas; invenção que vulgarmente traduz-se na palavra *engrossamento*, que o uso vae consagraudo na linguagem popular.

Ninguem, de certo, considerará de outro modo semelhante hyperbole, a qual não só expõe o nobre presidente eleito aos sorrisos ironicos de seus proprios amigos e tambem daquelles, que o res eitam e veneram, como o representante autorisado da suprema e alta magistratura da nação; mas ainda é uma prova de menos preço por tantos brasileiros illustrados e notavelmente conhecidos dentro e fóra do Brasil.

Para salvar o cidadão eleito presidente dos sorrisos, em que ressumbram os mo-tejos dos maliciosos e reivindicar os fóros de circumspecção, intelligencia e criterio do seu atilado espirito, negamos que elle houvesse proferido tal frivolidade.

E' nossa convicção ser inteiramente falsa

a phrase, que, com boa ou maliciosa intenção, as gazetas officiosas, no excesso de louvar, attribuem a um homem, de cuja seriedade a ninguem é, por ora, dado pôr em duvida.

Espirito recto, o honrado sr. general Campos Salles pezou bem as palavras, que houve de proferir, sabendo que ellas seriam divulgadas, commentadas e até adulteradas. E como de taes palavras se teria de avaliar do seu bom senso, razão de mais para ser de todo ponto calculado e cauteloso de expansões pueris.

Eis ahí o porque fazemos o nosso protesto, que, se reivindica o reconhecido criterio do illustre general, ao mesmo tempo é um preito de homenagem a tantos brasileiros illustrados, que dantes viajaram pela Europa.

Em verdade, os hymnos cantados para exaltar o grande papel, que na Europa representou o cidadão a quem brevemente estará confiado o destino do paiz, não passariam de uma pilheria—se dentro do Brasil não houvesse a justa comprehensão do valor e procedencia delles.

O paiz está certo de que o presidente eleito manteve, no exterior, a antiga reputação, que lhe grangearam outr'ora os innumerados brasileiros que na Europa foram como que documentos authenticos, irrecusaveis e, por assim dizer, vivas de sua civili-

sação; assim não foi no honrado sr. dr. Ferraz de Campos Salles, que, pela primeira vez, os povos do antigo continente viram homem civilisado, que lhes deu a medida da cultura intellectual e politica do Brasil.

Seja-nos ainda permittido accrescentar aos nomes já publicados alguns outros de brasileiros, nos quaes a Europa reconheceu homens civilisados.

Dr. Hilario de Gouvêa, Pereira Passos, Viriato de Medeiros, F. Pinheiro, Oliveira Bulhões, Paes Leme, Vieira Souto, Frontin, C. Niemeyer, C. de Sampaio, Pedro Luiz Soares de Souza, Piza e Almeida, Assis Brasil, Luiz Guimarães, Salvador de Mendonça, X. da Cunha, Badaró, Correia de Bittencourt, Feijó, J. J. Pizarro, Augusto Brandão, Cypriano de Freitas, Honório Coutinho, Manuel e José Rodrigues Peixoto, arcebispo Esberard, monsenhor Pinto de Campos, general Dionysio de Cerqueira, commendador Pedro Gracie, Fernando Rocha, Urbano de Faria, Manuel da Silva Pontes Junior, J. A. Rôis, Martins, commendador L. Alves da Silva Porto, José do Patrocínio, dr. Paula Ramos, negociantes Arthur Watson, Reginaldo Cunha, Abel Pereira Guimarães, dr. contra-almirante J. Pereira Guimarães, dr. Henrique Monat, dr. Pires Brandão, dr. José Avelino, dr. Marcolino Moura, senador Virgilio Da-

masio, senador Luiz Felipe, almirante Maurity, Barbosa, actual ministro da marinha, general Leite de Castro, general Luz e muitos outros que fôra longo enumerar.

Não resta, pois, duvida que o Brasil já era bem conhecido muito antes da viagem do illustre general Campos Salles, sob o seguinte ponto de vista—regimen politico, administrativo e financeiro regular; regimen parlamentar, que podia comparar-se com certos paizes europeus; a administração da justiça de accordo com os progressos da civilisação moderna; instrucção publica gradualmente desenvolvida.

Ao contrario, hoje a desordem reina desde as alturas governamentaes até ás ultimas classes sociaes.

Rotchilds, fazendo o accordo, proferia as seguintes palavras — *«que lhe pezava dizer que um paiz sempre correcto e pontual achava-se em estado de pedir moratoria aos seus credores.»*

Daqui se vê que nunca o Brasil desceu á deploravel situação, e por conseguinte infere-se que a Europa via no sr. general Campos Salles um dos representantes e responsaveis dos males do seu paiz.

Não havia que dizer o contrario, quando de mãos postas supplicava-se uma moratoria, cuja inutilidade e damno o futuro proximo verificará, e ainda com ella o nosso

cambio desce e os nossos titulos não se valorizam, ora, é uma prova evidente do nosso abatimento, descredito e da desconfiança geral.

A Europa, attendendo no homem civilisado, que o illustre general Campos Salles se revelava, naturalmente considerou no triste contraste da desorganisação actual da justiça, que deixa impunes os mais horrosos attentados, como os que foram praticados, entre outros, contra o honrado sr. Prudente de Moraes e marechal Bittencourt, ministro da guerra. Se crimes que contra os representantes do poder supremo não são punidos, a Europa tem fundada rasão para acreditar que o povo não encontra justiça nos tribunaes do Brasil.

As correrias e violencias, que soffreu a imprensa, induzem a Europa a pensar que o illustre general Campos Salles é a expressão de uma opinião submissa e que não goza das garantias, que a tornam a rainha soberana das sociedades bem constituidas e livres. Esse juizo, que resulta necessariamente de factos publicos, provados e conhecidos, sem duvida diminuiu muito o conceito de homem civilisado, que a imprensa officiosa attribuiu ás palavras do inelyto general.

Forçado a assignar um UM TERMO DE BEM VIVER, o general futuro presidente, ou conscientemente resignou-se, ou fel-o

não considerando nos compromissos, que contrahia e que o nosso ministro da fazenda—o sr. Bernardino—phantasia que fará a nossa felicidade.

Seja Deus louvado! E como bom brasileiro desejo que esse *termo de bem viver* não seja quebrado, mas para que isso não aconteça é preciso, como bem ponderou o relator da commissão do orçamento das despezas,—excessiva economia, e promover o augmento das rendas publicas—.

Ora, tudo isso só se conseguirá — não pelo excesso do imposto, que empobrece e debilita, e faz a espoliação do proprietario e a miseria do operario; mas pela redução das despezas de uma administração cara, incapaz e repleta de enorme pesoal.

Tudo isso se conseguirá quando houver um systema de governo intelligente e sensato, em que o Congresso não esteja a decretar, sem methodo, novas despezas com reformas de tribunaes, de corpo de engenheiros navaes, e novos almirantes e outras cousas, que podem ser adiadas para quando se houver cumprido o *termo de bem viver* e que houver abundancia de recursos.

Tudo isso se conseguirá quando se alimmentar e desenvolver a lavoura, a industria, o commercio, a viação, a introdução de braços trabalhadores e de capitaes ha-

ratos, que são os elementos indispensaveis para creação da riqueza publica e particular.

Evidentemente de nada disto se está cuidando, e praza aos céos que o novo presidente pense que, promovendo e accelevando as forças productivas, poderá contar com os meios de cumprir o seu *termo de bem viver*.

Será dest'arte que terá a seu lado todos os bons patriotas e governará com as classes conservadoras, segundo a sua declaração, feita no palacio do presidente da Bahia.

Com essa politica toda de interesse, de prosperidade, de conciliação, de paz, de liberdade, não só fará a propria gloria, como restaurará a grandeza do Brasil, infelizmente abatido pela perda de suas illusões e esperanças de venturoso porvir.

V

Deixei demonstrado, nos artigos anteriores, que, antes do illustre general Campos Salles apparecer na Europa para dar testemunho da nossa existencia e consequente civilisação de povo livre, innumeros brasileiros, que em illustração e superioridade intellectual não são inferiores, já haviam percorrido diversos paizes e nos feito conhecidos.

Seria injusto esquecel-os, por isso lembrarei aqui os seus nomes:—Marquezes de Paraná e de Olinda, viscondes de Taunay, da Penha, Porto Seguro, de Araguaya, de Itajubá, Bom Retiro, Inhomerim, de Rodrigues de Oliveira, de Santa Cruz, o qual por onde viajava, acompanhava-se de uma bandeira nacional, que hasteava no hotel onde se hospedava. Era o intuito do distincto visconde fazer conhecido o pavilhão brasileiro. Não se contentando com isso, comprou em Lyão 500 pequenas bandeiras, que distribuiu pelas cidades que percorreu e talvez pela primeira vez fosse visto o symbolo da nossa nacionalidade,

por exemplo, na Grecia, na Turquia, S. Petersburgo, etc.

Cumpre referir o nome do sr. barão de Teffé, a quem a Academia Franceza distinguio como seu socio. Ainda devemos apontar o nome do sr. barão de Mamoré, ex-ministro do imperio, que notabilisou-se pelos relevantes serviços prestados ao melhoramento do nosso estado sanitario, e que por isso foi nomeado membro da S. de Hygiene em França. Todos sabem que os diplomatas barões de Jaurú, Alhandra, Ourem, Aguiar de Andrada, Carvalho Borges, S. Angelo, Itajubá, Lopes Netto, Rio Branco foram conceituados nas legações que representaram. O sr. do Rio Branco principalmente houve-se no pleito de Missões de modo habilissimo em honra do seu paiz.

O sr. dr. Joaquim Nabuco viajou a Europa e fez demorada residencia em Londres, em convivencia com as summidades politicas, scientificas e litterarias, com banqueiros e industriaes. Não fallando da honra singular que lhe fez o parlamento portuguez, admittindo-o em seu recinto. O sr. barão do Ladario deixou um specimen da nossa brava e intelligente marinha de guerra por toda a parte da Europa. O brigadeiro dr. visconde Souza Fontes, cirurgião-mór do exercito, foi perfeitamente bem acolhido nos grandes exercitos das

nações amigas. Cumpre também indicar o sr. conde de Villeneuve, ex-proprietario do *Jornal do Commercio*; como diplomata, muito fez por fazer conhecido o Brasil, assim como o illustrado dr. José Carlos Rodrigues, actual proprietario do mesmo jornal.

Não se ignora que os condes de Carapébús e de Nioac muito serviram na exposição de Vienna a fazer sobresahir o progresso da nossa patria.

Continuaremos a lembrar outros brasileiros, que de momento occorrem-nos á lembrança, taes como os srs. drs. Ferreira de Abreu (barão de Therezopolis), conselheiro Rodolpho Dantas, drs. Ferreira de Araujo e Fernando Mendes, Carlos Braconnot, Napoleão Level, J. Carlos Brasil, Argolo Ferrão, Trajano de Carvalho, Carlos Moreaux, Antonio Gomes de Mattos, Furquim Werneck, conselheiro L. de Carvalho, visconde de Gualhy, barão de Marajó, barão de S. Joaquim, barão do Loreto, barão de Alencar, barão de Moritiba, barão de Quartim, visconde de Cavalcanti, barãa de Santa Anna Nery e muitos outros que seria longo enumerar.

Ora, ninguem dirá que estes dignos brasileiros passaram pela Europa, deixando ignorado o seu paiz e que, quando o illustre general Campos Salles chegou ás grandes e populosas cidade do culto e

velho continente, descobrio, como o audaz Colombo, uma terra incognita, ainda não sabida.

Para ficar bem patente a injusta pretensão que as gazetas officiosas inventaram e puzeram nas palavras circumscriptas do illustre general, recordemos que muitos estrangeiros distinctos, por seu turno, vulgarisaram o nome da terra do Cruzeiro e com toda lealdade e competencia, por viveram e conviveram aqui connosco e viajaram pelo nosso paiz, v. g. o barão de Vasconcellos (pae), que residio longos annos no Ceará, estabelecendo commercio directo com os Estados Unidos do Norte, com a Allemanha, com a Inglaterra, etc.; o conde de Mattosinhos (pae); o do Alto Mearim; o de S. Joaquim; barão Salgado Zenha; o conselheiro Duarte Rodrigues, commendador Ramalho Ortigão, Eduardo de Lemos e outros.

Não omittiremos os negociantes inglezes — os Phipps, John Moore, que na questão do diplomata Christie levantou bem alto o nome do Brasil no parlamento inglez; Edward Duffril, John Samuel, F. Ville, J. Wrrath, F. Palma e outros, que foram commerciantes no Brasil.

Ainda recentemente uma commissão de americanos do norte visitou esta capital e alguns Estados e pôde bem avaliar dos

nossos recursos e do prospero futuro do nosso commercio e do futuro da nação.

No Congresso de Philadelphia o Brasil figurou dignamente.

Se procurassemos nomes na lista dos sabios, que, desde o principio deste seculo, vieram estudar a rica e brilhante natureza americana, citaríamos muitos, como os Spix e Martius, autor da Flora Brasileira, Agassis, que tanto escreveu sobre as riquezas do Amazonas, Darwin, o famoso naturalista inglez, Gardner, Barts, Carlos Fred Hartt, autor da geographia physica, Richmond Burton, o sabio francez St. Hilaire, etc., etc.

O commercio allemão, italiano, francez e de outras nações conhece o paiz onde trabalha. Os consules informam aos seus governos do nosso estado, porque as nações hoje não se isolam no meio da cooperação universal e da solidariedade humana.

Como, pois, a Europa só veio a saber que neste Brasil só havia homem civilizado, quando contemplou o honrado general Campos Salles?

Os factos desmentem redondamente o dito pretencioso das gazetas officiosas; por honra do criterio pôde-se crêr que o benemerito e circumspecto general nunca proferio as palayras que ardidamente lhe

foram attribuidas. Entretanto, o Brasil pôde applaudir-se de ter o presidente eleito observado a regularidade e estabilidade dos Estados europeus, firmados sobre o respeito das leis, das garantias dos direitos da liberdade civil e politica. Oxalá que o exemplo seja proveitoso !

VI

No interesse do nosso paiz, certamente, não é demais continuar a mencionar os brasileiros illustres que representaram brilhante papel na administração do Estado, assim como aquelles, que illustraram-se no parlamento e nas viagens pela Europa : por isso lembraremos o nome do illustrado conde da Motta Maia, devotado amigo—quer na prosperidade, quer no infortunio do velho imperador. A sua nobilissima conducta para com o soberano nas agruras do exilio foi coroada pelos applausos de seus amigos, a qual na verdade contrasta com a de outros, que o imperador colmou de favores e distincões.

No parlamento avulta Francisco Octaviano, cuja palavra floreja, qual primaveira. Zacharias de Góes dominador nos debates e homem de Estado; Candido Mendes, senador pelo Maranhão, visconde de Sinimbú senador pelo Maranhão; visconde de Itaúna; visconde de Souza Franco eximio representante do extremo Norte; visconde de S. Isabel, notabilissimo professor e medico; ainda outros como o visconde do Cruzeiro, conselheiro F. Belisario, conselheiro

Paulino de Souza, barão de Cotegipe, J. J. Fernandes da Cunha, conselheiro Antonio Carneiro da Rocha, dr. Cesar Zama, marquez de Paranaguá, conselheiro Gavião Peixoto, Joaquim Delfino, Almirantes Guillobel, Maurity, Barreto Manhães, Proença, Coelho Netto, M. Guimarães, J. Julio e Carlos de Noronha, Alexandrino de Alencar, Jeronymo Gonçalves, dr. Henrique Ribeiro Lisboa, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, José Machado Coelho de Castro, condes de Tocantins, de S. Clemente, de Nova Friburgo, de Pinhal, de Moreira Lima; barão Ribeiro de Almeida, do Bananal, de Sampaio Vianna, de Pedro Affonso, da Estrella, bem se vê que não seria possível referir neste escripto, sem tornal-o interminavel, todos os brasileiros, que recommendam-se a estima publica pela relevancia dos seus serviços, pela superioridade de seus talentos, pela sua legitima e bem merecida nomeada, podendo dignamente representar e honrar o nome da patria em qualquer parte.

Si não fôra a mesma razão, poderíamos tambem lembrar nomes de distinctos estrangeiros, que fizeram o nosso paiz bem conhecido tanto no exterior, como no interior, assim, por exemplo, Em. Liais, astronomo francez, Cruels, B. de Escragnoles, Glasioul, Glasses, barão de S. Victor, B. de Tautffeus, os famosos educadores Frise,

Kope, conselheiros Victorio da Costa, etc., etc.

- Fôra dessas iniquidades vergonhosas, calcando a justiça, a verdade e a razão, eliminar da nossa lembrança o nome de um estrangeiro (por sua origem) que servio com honra o Brasil: referimo-nos ao illustre e bravo principe marechal conde d'Eu, consorte da princeza imperial— a sra. d. Isabel, que banida de sua patria nunca profirio uma palayra contra os brasileiros, antes pelo contrario os seu votos são sempre em prol de seus compatriotas.

Todo Brasil não ignora que o sr. marechal Gastão d'Orleans, com bravura e patriotismo, guiou o nosso intrepido exercito á victoria, durante uma laboriosa phase da campanha do Paragnay.

Os seus heroicos esforços fizeram consagrar nas paginas da historia as façanhas brilhantes das armas brasileiras. Podem as vicissitudes da politica transformar a ordem estabelecida da organização de um paiz; são por assim fatalidades impostas pelo movimento do tempo; o que não podem, de certo, é obliterar na memoria os feitos, os serviços e a benemerencia delles.

Nunca recebeu sequer honorarios pelas diversas commissões que desempenhou, quer como general em chefe, quer como commandante de artilheria, enfim como conselheiro de Estado. No exercito era um

soldado, que com elle identificava-se e de-sejava sinceramente melhorar-lhe a sorte e dar-lhe toda importancia, que legitimamente lhe compete e tornal-o bem distincto pela instrucção e disciplina.

Até aqui me pareceu, sem duvida, conveniente demonstrar, sob todos os pontos de vista, que já o Brasil era bastante conhecido na Europa muito antes da rapida e recente appareição do illustre patriota, o sr. general dr. Campos Salles. Com effeito, seja apontando os naturaes do paiz que viajaram pelo antigo e culto continente; seja mencionando os numerosos e distinctos estrangeiros, que viveram, ou viajaram pelas terras brasileiras, ficou bem claro, como um raio esplendido de luz meridiana que o Brasil não foi pela primeira vez conhecido no anno da graça de 1898, por occasião da viagem do presidente eleito da Republica dos Estados Unidos do continente sul-americano.

Não ha quem possa crer que um paiz que mantem desde 1808 até hoje, crescentes e vastas relações de permuta de productos com quasi todos os grandes centros commerciaes europeus, ficasse até o presente anno ignorado daquelles mesmos centros: isso importaria affirmar um impossivel, por que o commercio, por si só aperta os laços de confraternisação entre os povos; é um dos mais poderosos e effi-

cazes elementos da propaganda da civilização.

A politica procura nesse elemento a base da grandeza e da prosperidade dos Estados: por exemplo a Inglaterra, os Estados Unidos do Norte, cada dia, estendem o seu commercio e para mantel-o estreitam relações internacionaes, cultiçam a amisade dos povos, com os quaes negociam e nestas relações os povos se põem em contacto um com outro, se conhecem, se estimam e procuram viver em paz.

Ora o commercio desempenha uma grande missão humana e altamente benefica; quando estas relações se rompem, ou perturbam-se, e que surgem as guerras, ou as revoluções, esterelisa-se tudo; em lugar da prosperidade dominam os soffrimentos, as desgraças, a miseria, que aviltam o homem, enfraquecem e annullam as nações.

Eis abi porque tinha sobeja razão o homem de Estado que costumava dizer — *da-me boa politica que vos darei boas finanças.*— Assim conclue-se necessariamente que pessimas finanças denunciam pessima politica: a correlação é essencialmente reciproca.

Attentando neste assumpto em relação ao nosso paiz, e considerando que do passado recebemos um patrimonio accumulado, é força reconhecer que o imperio, que perdurou por 68 annos, deixou o paiz em

grande desenvolvimento de prosperidade, com fecundos elementos de progresso, e principalmente o povo satisfeito com a vida barata e não sobrecarregado de acabrunhadores impostos.

A Republica veio, talvez em má hora, e infelizmente empeceo a obra, que crescia: ferio o nervo da vida e do progresso; atrophiou a nação; evidentemente não lhe melhorou a sorte; converteu a sua vida na luta a mais penosa; quadruplicou a taxa dos impostos de sorte que decretou a espoliação das classes, que trabalham e das que consomem; exagerou as despezas inutil e improductivamente de tal modo que o brasileiro voltou ao regimen do trabalho escravo, isto é, trabalha por força para fornecer ao Estado os meios para as suas dissipações.

A Republica bem pôde, como instituição politica e regimen governamental, não ser responsavel pela desorganisação que se observa em tudo, desde as intendencias até a alta administração.

A prudencia, a sabedoria, a experiencia, os interesses vitaes e as legitimas aspirações do paiz, são postas de parte.

A legislação já não tem aquelle cunho que lhe dava autoridade sobre a consciencia dos cidadãos, os quaes tambem, por sua parte, não concorrem para o bom desem-

penho do governo, o que é de summo interesse da sociedade inteira.

Essa phase da vida nacional é deploravel e reclama dos que lhe dirigem os destinos séria attenção.

Se passarmos a fallar das liberdades publicas, a primeira cousa que urge assignalar é a eleição, confiscada—já pelo poder publico, já pelo abandono e indifferença do eleitorado, que não sabe cumprir o seu dever, ou que não se interessa em firmar e avigorar as instituições actuaes. Tocando em outro assumpto.

Agora mesmo estamos vendo que foi apresentado um projecto de lei, que claramente propõe-se a acabar com a autonomia do municipio federal. Esse facto não tem gravidade por que se considere inconstitucional; por que attente contra uma instituição de natureza essencialmente democratica, por ser, como geral e vulgarmente se diz, a municipalidade uma escola onde o povo educa-se para o exercicio dos seus direitos.

A questão constitucional parece aqui secundaria; no organismo do regimen fundado pela Constituição de 24 de fevereiro não ha nenhuma disposição que reconheça a inviolabilidade das municipalidades; estas, como qualquer corporação, por exemplo, o Thesouro, o Tribunal ou Côrte de Appellação, o Quartel-General estão su-

jeitos a serem reformados, reorganizados, até supprimidos por lei ordinaria, porque incontestavelmente compete ao Congresso legislar a respeito delles. Não se exagere, nem se confunda a missão historica que tiveram as municipalidades, reagindo na velha Europa contra os despotismos dos reis absolutos; conquistando as liberdades communaes, servindo de centro de força e acção da burguezia e das classes populares contra a prepotencia dos seus feudaes, não se comparam com as intendencias actuaes, que certamente não são mais do que corporações meramente administrativas: não são escolas de aprendizagem politica, isso não passa de uma metaphora dos publicistas.

A gravidade do projecto, supprimindo a intendencia do municipio neutro, consiste em que prova a mais profunda desorganisação, a mais gangrenada corrupção dessa cousa boa, tornada pessima e absolutamente inutil, ou antes perniciososa.

O autor do projecto vio o organismo gangrenado, e quer amputal-o: mil graças merece.

Eis o maior serviço, que o Congresso pôde fazer aos municipes. E' interesse de todos nós, habitantes do municipio federal, ver eliminada esta devoradora e funesta instituição.

Conserval-a é condemnar os habitantes

desta capital a continuarem a ser victimas dos mais vexatorios impostos, da espoliação da sua industria, trabalho de ter de contemplar os espectaculos de contratos immo-
raes, de concessões escandalosas, etc. etc. O legislador é quem tem por si a razão, o direito e ainda mais o pudor publico.... Si o Congresso, com mão certa, não extirpar o cancro, então levanta-se, como um terrivel espectro, o seguinte dilemma—ou manter a instituição da intendencia para ella dissolver o municipio; ou supprimil-a para salvar e manter o municipio.

VII

Nos artigos precedentes deixei sobejamente demonstrado—(até por demais para tornar impossível a contestação) — que, muito antes de ir o honrado sr. general Campos Salles á Europa, já o Brasil era bem conhecido.

De facto innumeros brasileiros haviam viajado a Europa, mantido relações nas grandes praças commerciaes, ou tratado com homens eminentes nas sciencias, nas artes, na politica. Ainda mais—que muitos estrangeiros distinctos, que viajaram pelas terras brasileiras, ou residiram nellas; que exerceram aqui o commercio, as profissões liberaes, assim como a diplomacia, necessariamente propagaram pelos seus paizes o estado da nossa cultura moral, intellectual e politica, o desenvolvimento do nosso progresso material, os fecundos recursos do nosso solo, em fim, todos os elementos, que concorrem para a prosperidade de uma nação.

Tudo isso puz em evidencia, levando a miuciosamente citar um alluvião de nomes, dos quaes muitos em nenhum ponto

de vista podem ser considerados somenos em illustração, talento e qualidades de homens civilisados.

Em verdade se só agora a Europa—que estuda os povos, com os quaes se relaciona—vendo o general dr. Campos Salles descobrio—esta parte da America ainda ignota—é para lamentar a sua ignorancia, que perdurou por tantos annos, apezar de manter aqui legações, consulados, relações commerciaes e outras muitas de differente natureza.

Evidentemente as gazetas officiosas, no albor de engrandecer a brilhante figura, que o nobre presidente eleito fez por entre as sociedades cultas, poz na bocca de s. ex. uma phrase, que os factos mostram conter completa inexactidão.

Ora si a este respeito a questão ficou de todo liquidada, não resta, porém, duvida de que o Brasil, depois que constituiu-se em Republica, tornou-se ainda mais conhecido sob o seguinte ponto de vista—banindo o velho imperador que, pelo largo periodo de meio seculo, foi o principal, solícito, e activo factor do aperfeiçoamento moral, do bem estar da população, da permanencia da ordem e da paz publica, do respeito da lei, do desenvolvimento da liberdade civil e politica, da estabilidade das instituições, do respeito das leis e da prosperidade e grandeza nacional.

A despeito de todos esses serviços feitos á patria desde a mocidade soffreu a fatalidade do destino.

Singular contraste ! A legislação, que Republica mesmo pratica, remunera os servidores do Estado, aquelle que contava meio seculo de honrosos serviços teve por sua recompensa o exilio !

O sr. d. Pedro foi banido depois de haver se dedicado ao serviço do paiz, de haver promovido o seu progresso em todas as ordens da actividade nacional e sahio, a bem dizer, na maior pobreza, a tal ponto de carecer do auxilio de um honrado e distincto cidadão portuguez, que espontanea e generosamente concorreu para minorar-lhe as amarguras e embaraços em hora cruelmente dolorosa.

Sem duvida dóe a alma brasileira notar taes factos escrevendo aqui estas linhas, ellas, porém, são necessarias para que o povo, que é sempre bem inspirado na justiça; que é sempre bom e generoso saiba que, em seu nome e sem seu consentimento e concurso, uma iniquidade foi praticada !...

Ainda o Brasil tornou-se presentemente bem conhecido em relação ao abatimento do seu credito pelo descabro de suas finanças, desbaratadas sem criterio com despesas inuteis e improductivas, que esgotaram todos os mananciaes de suas rendas,

acabrunhando o povo com onerosos impostos, arrancados ao suor da frente dos que trabalham e que empobrecem o paiz.

Esta situação das nossas finanças desceu tanto, que, por uma força imperiosa da necessidade, nos vimos obrigados a assignar *termo de bem viver* pela moratoria, solicitada e com tanto custo obtida dos nossos credores inglezes, que já não tem no Brasil aquella antiga confiança, que elle merecia outr'ora pela estabilidade de seu governo, pela sabedoria da sua politica, pelo criterio em suas despesas, pela economia dos diversos ramos de sua administração, o que o habilitava a ter certeza na pontualidade, com que estava habituado a satisfazer os seus compromissos, contrahidos em Londres.

A ordem economica do paiz é por demais deploravel. A lavoura de café, que é a maior fonte de renda, reduzida e ameaçada de ruina. Os outros ramos lutando com mil difficuldades. O commercio acabrunhado. Os trabalhos paralysados. A vida muito cara e muito difficil, principalmente para as classes populares, que do trabalho tiram os meios de subsistencia.

Por mais que se queira dissimular, a realidade é tal que de certo não pôde escapar, porque todos sentem-lhe os funestos effeitos.

No meio desse cahos o paiz vê violadas

as suas liberdades, confiscadas as eleições, designados os seus representantes sem o seu voto e sua vontade.

A nação está compenetrada de que não encontrará nos tribunaes de justiça nem a garantia de seus direitos, de sua propriedade, nem a punição dos criminosos.

Ella vê que o punhal e o revólver suprimem os adversarios. Ella confrange-se de ver que até os membros do poder supremo já não escapam do mesmo perigo, como o mais obscuro cidadão, como succedeu com o attentado de 5 de novembro, no qual ia sendo victimado o presidente da Republica e barbaramente assassinado o marechal ministro da guerra, em pleno dia, em uma praça de guerra.

E' necessario que o bom senso recobre o seu poder sobre o espirito publico e que todos se convençam de que o Brasil não é só de uma classe de homens, mas sim que é uma patria commum e que todos os brasileiros devem ter os mesmos direitos. A liberdade republicana consiste na egualdade e não nos privilegios de uns e exclusão de outros.

Por falta dessa egualdade dividio-se a familia brasileira em dous campos inimigos, e dahi as lutas e as revoltas armadas e o sangue derramado, a ordem publica perturbada e de tudo isso resulta desconfiança geral na estabilidade das instituições

do paiz, e dahi o nosso descredito e a nossa desgraça.

Não se póde negar que temos já passado por provações, e é um facto que nos é difficil rehabilitar o paiz perante o mundo civilisado e que mesmo com a presença e concurso do chefe eleito da nação os nossos credores hesitaram em confiar em nossa pontualidade em desempenharmos dos compromissos sem hypotheca das nossas alfandegas e talvez mais tarde da estrada central.

Todas estas reflexões nos occorreram por ocasião dos conceitos attribuidos ao illustre general sr. dr. Campos Salles. Pela nossa parte, porém, não duvidamos de que a sua viagem possa ser muito proveitosa.

S. ex. percorrendo as capitães civilisadas, acolhido com estima e distincção, até do chefe supremo da christandade, vio, observou como as sociedades vivem e reclamam as garantias effectivas das leis.

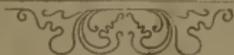
S. ex. notou que as sociedades européas governam-se pela razão e pela pratica do direito e da justiça e não empregam os elementos de desordem como meios de governo regular.

A experiencia, que adquirio, hade ser naturalmente bem empregada na sua futura administração, para lustre do seu nome e proveito da nossa patria.

Estes artigos foram publicados no *Jornal do Brasil* de 8, 9, 10, 13, 15, 21 e 25 de Outubro de 1898.

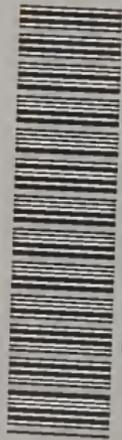


OFF. DE OBRAS DO JORNAL DO BRASIL



DEDALUS - Acervo - MP-REP

O Sr. General Campos Salles /



21800005047

923.2
R311s
(744)



114-22
Collecção I
Convenção de 17 18